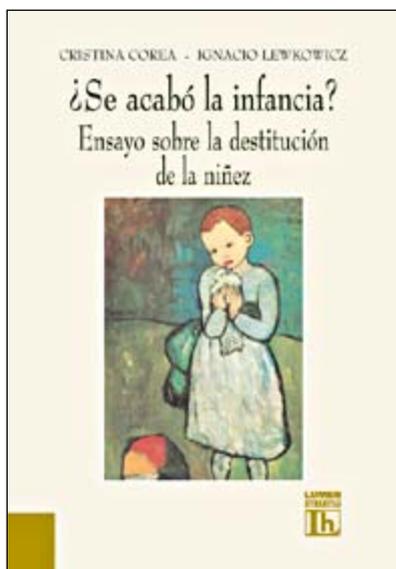


# INFÂNCIA: UM CONCEITO EM CRISE?

Beatriz Fabiana Olarieta\*



COREA, CRISTINA & LEWCOWICZ, IGNACIO. *¿Se acabó la infancia? Ensayo sobre la destitución de la niñez*. Buenos Aires: Lumen/Humanitas, 1999.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, Cristina Corea desenvolve seu *Ensaio sobre a destituição da infância*. A partir de uma abordagem semiológica e fazendo uso da sua proximidade com a psicanálise, a autora irá mostrando como a mídia é um discurso e que seus sujeitos (colocados sempre na posição de consumidores de informação) só têm uma percepção midiática da realidade, a qual é efeito desse discurso. Esse discurso que se apresenta como hegemônico e tinge outros discursos (como o discurso pedagógico, familiar, etc.) impede de ver, mas dá a ver algo; ao mesmo tempo mostra a impotência atual dos discursos que instituíram a infância tradicional deixando o filhote humano atual carente de significação instituída.

As instituições de assistência à família que pela sua intervenção prática e discursiva produziam a infância estão esgotadas. Então, já não conseguem produzir a consistência de seu objeto: a infância.

A autora se inspira no tratamento que a mídia fez sobre o episódio de seqüestro e posterior assassinato de uma criança que ainda não tinha três anos por duas de dez, acontecido em Liverpool no ano 1993, especificamente no modo como foi construído o sentido do caso. Precisamente, é esse tratamento como *caso* por parte da mídia que será analisado e que dará início à tese de Corea. Ao ser incorporado em uma corrente de repetição, cada caso se transforma em causa do seguinte e, ao mesmo tempo, causa do antecessor ao incluir-se em uma série. A colocação em série organiza a lei da repetição idêntica de seus termos. A repetição dos casos corrobora a existência da lei: a violência infantil é mais uma expressão da violência social geral. A causa e o efeito são idênticos. A imposição midiática da apresentação dos fatos em casos que se substituem em série, que produz o caso e a série, impede ver o real da transformação que está em jogo.

Após mostrar o modo de construção do discurso midiático, a autora adverte que a repetição deve ser tratada como sintoma e não como a confirmação daquilo que já se sabe. O sintoma é heterogêneo respeito da causa que supostamente o provoca. Interrompe a corrente dedutiva do signo que impõe a série midiática, desde que esse sintoma dê lugar a uma interpretação.

Os casos midiáticos de violência infantil não são um índice da violência social geral senão sintoma de esgotamento da infância instituída pelas instituições modernas. A razão se encontra na impotência atual dos discursos e as práticas que haviam instituído aquela infância tradicional. “*Nestas condições, o filhote que efetivamente hoje existe está em condições de real rebelde para aquelas práticas e discursos: carece de significação instituída*” (p. 26). O tipo de tratamento discursivo da mídia sobre a crise da infância reprime a percepção do esgotamento das instituições que a forjaram.

---

\*Prof<sup>ta</sup> em Ciencias de la Educación pela Universidad Nacional de Cuyo/Argentina. Especialista no Ensino da Filosofia pela Universidade de Brasília

---

A partir da abordagem que a mídia faz desta crise pode visualizar-se como este discurso que aparentemente mostra tudo, também impede ver o desajuste atual entre as instituições modernas de assistência à família e a infância e o que as crianças efetivamente são. A mídia, ao intentar restaurar esse vínculo acaba colaborando para a dissolução do mesmo, tenta reparar ao impor-se ela mesma outras figuras necessárias nessa relação. O discurso midiático intervêm ali onde a interpelação das instituições da infância fracassa. A intervenção midiática é sintomática no que diz respeito ao esgotamento da infância.

Quais são as condições atuais das instituições tradicionais da infância? Como é seu funcionamento atual? Que tipo de relacionamento estabelecem com outras instituições, especialmente com a mídia? Serão temas desenvolvidos ao longo dessa primeira parte.

A autora se situa para fazer sua crítica no interior do universo que o discurso da mídia reconhece como próprio, mergulhando nas regularidades que este apresenta, no tipo de operações que o caracterizam, na sua retórica. O discurso mediático se apresenta como hegemônico. Não é colocando o lugar de enunciação da crítica fora dele que se pode intervir nele. Isso implicaria estar em um outro discurso e, nesse caso já não haveria interpretação de sintomas, senão descrição ou observação desde um horizonte alheio a esse discurso. Só a intervenção nas falhas do discurso tem efeitos críticos, afirma.

Na segunda parte, denominada *Glosas marginais ao ensaio sobre a destituição da infância*, Ignácio Lewcowicz desde sua posição de historiador das subjetividades analisa e mantém uma relação ativa com as teses apresentadas por Cristina Corea, aportando elementos que permitem aprofundar sua compreensão.

A história das subjetividades parte de postular a historicidade situacional da natureza humana. Os homens são produto das condições sociais nas quais se desenvolvem. Essa natureza humana situacional é intraduzível de uma situação para outra.

A subjetividade resulta de marcas práticas sobre a indeterminação de base da cria *sapiens*, que as ordenam. Ficando, assim, determinada por essas *marcas* e esse sentido. Mas, a subjetividade instituída jamais é exaustiva. A instauração mesma produz um *invés de sombra*, um campo de efeitos secundários inelimináveis e invisíveis para os recursos conceituais e perceptivos da situação na qual se institui a subjetividade. É importante considerar que esse extra não é um *resto* que fica fora do alcance da sociedade (como se fosse uma substância que atormenta sob a personalidade oficial), mas é um *excesso* produzido pela operação de inscrição (atividade alojada e produzida no invés das marcas que determinam essa personalidade oficial).

Desde sua perspectiva, o autor irá apresentando suas contribuições na forma de “observações” sobre a própria observação, a intervenção, a interpretação, a crítica, o conceito de infância e a constituição da subjetividade, entre outras.

Se o suporte, em lugar de ser um livro, fosse informático, nos sugere, estas glosas “*constituiriam outras tantas janelas que se poderiam abrir sobre as palavras sublinhadas*”. Estas observações se relacionam com o *Ensaio* a partir de um princípio de “solidariedade estratégica” que rejeita qualquer tipo de hierarquização com respeito ao primeiro que ficaria colocado na posição de objeto a ser analisado por um segundo que atuaria ao modo de um meta-texto colocado na posição de “conhecimento do objeto”.

Esta segunda parte não é, então, nem a continuação do desenvolvimento da primeira nem a análise da mesma, senão a abertura para a exploração de alguns conceitos que oferecem apoio e consolidam ainda mais a fundamentação apresentada no *Ensaio*.